

**GOSTAR DE GENTE:
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E
CIDADANIA NO ÂMBITO DA
OPERAÇÃO "JOÃO DE BARRO"
DO PROJETO RONDON**



**SANDRA DE SOUZA PEREIRA
THIAGO ÁVILA MEDEIROS
RANDEANTONY C. NASCIMENTO**

GOSTAR DE GENTE:
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E CIDADANIA NO
ÂMBITO DA OPERAÇÃO “JOÃO DE BARRO”
DO PROJETO RONDON

SANDRA DE SOUZA PEREIRA
THIAGO ÁVILA MEDEIROS
RANDEANTONY C. NASCIMENTO
(ORGANIZADORES)

Diagramação e impressão



CONSELHO EDITORIAL

Andrea Gonçalves Bandeira
Denis Marcelo Carvalho Dockhorn
Marcos José Zablonsky
Randeantony C. Nascimento
Sandra de Souza Pereira
Sérgio Emanuel Galembeck
Thiago Ávila Medeiros

EQUIPE EDITORIAL

Andrea Gonçalves Bandeira
Denis Marcelo Carvalho Dockhorn
Marcos José Zablonsky
Sérgio Emanuel Galembeck

ILUSTRAÇÃO

Luiz Fernando Takase

G682 Gostar de gente : extensão universitária e cidadania no âmbito da
Operação "João de Barro" do Projeto Rondon / organizadores:
Sandra de Souza Pereira, Thiago Ávila Medeiros, Randeantony C.
Nascimento. - Passos : Gráfica e Editora São Paulo, 2021.
140 p. : il., fotos, tab.

ISBN: 978-65-993820-4-8

1. Projeto Rondon. 2. Extensão Universitária - Piauí. 3. Operação
João de Barro - Cidadania - Piauí. I. Pereira, Sandra de Souza. II.
Medeiros, Thiago Ávila. III. Nascimento, Randeantony C. IV. Título.

CDD 378

CDU 378

(Elaborada pela Bibliotecária Gesiane Patrícia de Souza - CRB-6/1894)

Gráfica e Editora São Paulo - Passos - MG - 35 3521-6153

CAPÍTULO 8

COMPARTILHAMENTO DE SABERES, FORMAÇÃO HUMANISTA E CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA: A EXPERIÊNCIA DA EQUIPE DO IAU USP NO PROJETO RONDON EM BARRA D'ALCÂNTARA - PI

Simone Helena Tanoue Vizioli

Marcel Fantin

Giovana Garcia Sibinel

Maria Sylvia Baptista Serra

Nelson Calsolari Neto

Stéfanie Crescêncio

Vinicius da Costa Sanchez

Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

APRESENTAÇÃO

Escrever um capítulo sobre a experiência do Projeto Rondon não é tarefa fácil, pois trata-se de uma ação que envolve diversas esferas institucionais, inicia-se com objetivos práticos e termina em uma montanha-russa de emoções. A participação neste Projeto tem um olhar e uma compreensão sobre a Extensão Universitária para além da disseminação de conhecimentos técnicos nas comunidades; trabalham-se questões como humanização, construção participativa de uma sociedade mais igualitária e preservação da diversidade da cultura brasileira. Assim, este texto inicia-se com uma breve introdução sobre o que esta equipe entende por Extensão Universitária, passando para o relato sobre a participação no Projeto Rondon de 2019 (Piauí), especificamente na Operação João de Barro (Barra D'Alcântara) e apresenta algumas oficinas realizadas, como exemplos da troca de conhecimentos, sejam eles técnico-científicos ou de saberes populares. Por fim, o texto encerra-se com depoimentos de alguns rondonistas da USP que participaram da Operação e deixaram algumas palavras como registro de uma experiência transformadora.

O Plano Nacional de Extensão Universitária

Segundo Serrano (2011), a extensão universitária, no Brasil, passou por pelo menos quatro momentos expressivos de sua conceituação e prática: 1) o modelo da transmissão vertical do conhecimento; 2) o voluntarismo, a ação voluntária sócio comunitária; 3) a ação sócio comunitária institucional e 4) o acadêmico institucional. Atualmente, o trabalho de extensão universitária reconhece a capacidade do outro de construir relações com outros e com o mundo, isto é, as Universidades, que no início, entendia a extensão de forma vertical e autoritária, passa a respeitar a cultura local e as mudanças intrínsecas a ela.

Em 2000, foi lançado, no Brasil, o Plano Nacional de Extensão Universitária, documento elaborado pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e pela Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação e do Desporto, marcando o compromisso da universidade com a transformação da sociedade brasileira em direção à justiça, à solidariedade e à democracia.

No Plano Nacional, a Extensão Universitária foi abordada para além de sua compreensão tradicional de disseminação de conhecimentos (cursos, conferências, seminários), prestação de serviços (assistências, assessorias e consultorias) e difusão cultural (realização de eventos ou produtos artísticos e culturais), pauta-se em uma concepção de universidade em que a relação com a população atua como uma oxigenação necessária à vida acadêmica. Dentro desses balizamentos, a produção do conhecimento, via extensão, deve ser feita por meio da troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, tendo como consequência a democratização do conhecimento, a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade e uma produção resultante do confronto com a realidade.

A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da praxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como consequências a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a

democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social (BRASIL, 2000).

A extensão universitária e o Projeto Rondon

"[...] as atividades extensionistas viabilizam formas de participação da Universidade em seu meio e, de modo recíproco, propiciam a presença do povo na instituição de ensino superior. É dada à extensão universitária a função de ponte para realimentação da estrutura acadêmica, funcionando como elemento provocador de mudanças no âmbito interno da Universidade e da sociedade de um modo geral." (GURGEL, 1986, P. 15-16, apud BOTOMÉ, 1996, p. 78).

O Art. 43º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional destaca que além do desenvolvimento do espírito científico, do pensamento reflexivo e o incentivo ao trabalho de pesquisa e investigação científica, a educação superior deve promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.

A atuação para além dos muros da escola, a participação em atividades extensionistas, envolve possibilidades de se promover a educação por meio de projetos participativos. Mas, mais do que isto, "a extensão universitária é um processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade" (BOTOMÉ, 1996, p. 48). Para a prática da extensão, é necessário compreender o outro como sujeito histórico, cultural, respeitando seus valores.

A universidade, além de uma instituição de ensino e pesquisa, cumpre sua função social ao promover atividades extensionistas. As práticas extensionistas envolvem relações de troca de saberes e diálogos entre universidade e sociedade, prezando pela sustentabilidade de comunidades. Uma importante contribuição no âmbito dessas relações é a formação de universitários como cidadãos plenos e conscientes do país em que vivem, responsáveis por construir uma nação unida e igualitária.

O Projeto Rondon, além de ser a maior ação extensionista nacional, corrobora o compromisso global firmado em setembro de 2015 por 193 Es-

tados-membros da Organização das Nações Unidas (ONU) no qual os chefes de Estado adotaram oficialmente a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, na qual constam os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Desde então, atingir os 17 ODS é responsabilidade do trabalho em conjunto de estados, empresas e sociedade civil. Este enorme compromisso transnacional é composto de um total de 169 metas e deve cumprir 231 indicadores globais, todos eles dedicados a estabelecer um padrão integrado entre as três dimensões do desenvolvimento sustentável: ambiental, social e econômica.

O conjunto de atividades do Projeto Rondon busca promover e aprimorar o desenvolvimento das habilidades, técnicas e tecnologias apreendidas pelos discentes no ambiente acadêmico a partir da soma de esforços com gestores públicos, lideranças comunitárias e população em geral, conformando um processo dialético de teoria/prática e a integração da tríade ensino, pesquisa e extensão. Os alunos são beneficiados tanto pela oportunidade de aliar teoria e prática em projetos extraclasse, como pela possibilidade de imersão nos problemas nacionais e locais, o que contribui para o fortalecimento da responsabilidade social e cidadã. O Município é beneficiado com a formação de multiplicadores para a implementação de melhorias e fortalecimento das políticas públicas que tragam benefícios permanentes. A participação do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU USP) no Projeto Rondon busca promover e valorizar a universidade pública e sua função social, aproximando as universidades da sociedade através da democratização do conhecimento.

O Projeto Rondon tem, entre seus objetivos principais, desenvolver o aprendizado de projetos voltados para a valorização da cidadania e do desenvolvimento sustentável junto ao corpo discente por meio da realização de oficinas integradas, assim como trazer benefícios permanentes para as comunidades dos municípios participantes.

Soma-se a isto, outros objetivos complementares, entre eles, elaborar atividades voltadas ao bem-estar social, ao desenvolvimento local sustentável, à construção e promoção da cidadania e ao fortalecimento de políticas públicas em diálogo com os diferentes agentes envolvidos: universidades; líderes comunitários; multiplicadores e gestores públicos. Pela experiência vivenciada especificamente na Operação João de Barro, na qual o IAU USP atuou junto ao Município de Barra D'Alcântara (PI), percebe-se o sucesso em proporcionar aos discentes o sentido de responsabilidade social, coletiva, em prol da cidadania e do desenvolvimento através do conhecimento "in loco" de problemas nacionais.

O Projeto Rondon também procura construir um ambiente inovador

de formação por meio do aprendizado mútuo entre universidade e sociedade, assim como de melhoria contínua e aperfeiçoamento da metodologia e dos trabalhos a serem desenvolvidos. Para isto, os alunos estudam as realidades físicas, sociais e ambientais do Município e as oficinas desenvolvidas integram os conhecimentos dos universitários com as necessidades locais, buscando a democratização do conhecimento produzido nas universidades por meio de um processo dialético de teoria/prática.

O processo de participação do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU USP) na Operação João de Barro

O processo teve início praticamente 365 dias antes da viagem para Barra D'Alcântara, onde foi desenvolvido o Projeto. Existia uma concorrida seleção entre Instituições de Ensino Superior (IES) de todo o Brasil e apenas 12 de cada modalidade, denominadas Conjunto A e Conjunto B, teriam seus projetos aprovados na Operação João de Barro. No caso do IAU USP, os próprios alunos de graduação dos vários cursos do Campus de São Carlos (Arquitetura e Urbanismo, Engenharias Civil, Elétrica, Mecânica, Ambiental entre outras) se organizaram para discutir a importância do Projeto Rondon, compreender o processo para a participação e ouvir os relatos de alunos de Operações anteriores. Esse tipo de autogestão do processo foi importante sob o ponto de vista da responsabilidade de cada aluno, isto é, nesta fase inicial, por tratar-se de uma atividade na qual não houve o comando ou demanda de um professor, os alunos se interessaram por este tipo de atividade porque entendiam o conceito da extensão e, como diz o Prof. Denis Dockhorn, na abertura deste livro, "para ser rondonista é preciso gostar de gente..."; assim, a seleção "natural" dos alunos que iniciaram o processo seletivo na IES foi dada por alunos voluntários com maturidade crítica frente à sociedade e que possuíam um sentimento humano bastante aflorado.

Nesse contexto, cerca de 40 alunos se candidataram e inscreveram-se em dois grupos de 20 para iniciarem o desenvolvimento do Projeto que seria submetido ao processo de seleção do Projeto Rondon. A partir desse momento, os alunos contataram professores que possuíam o perfil adequado para o projeto. Ressalta-se que os professores que escrevem este texto, Simone e Marcel, participam do Rondon desde 2015, estando em sua 5ª Operação. Assim como os alunos, o professor extensionista tem um perfil bastante humanizado com experiência em trabalhos coletivos e participativos.

Para a elaboração do Projeto submetido ao Edital da Operação João de Barro, Piauí, os alunos estudaram as características físicas e ambientais – solo, clima, vegetação; características sociais – população, renda, emprego, saúde, infraestrutura, entre outras, de todos os Municípios onde potencial-

mente seriam desenvolvidas as ações das IES selecionadas. O projeto a partir desse momento, no caso do IAU USP, recebeu a supervisão dos professores que auxiliaram na elaboração do Projeto Final. Desde 2015, o IAU USP tem participado anualmente, com exceção de 2018 e 2020 (devido à pandemia não houve Operação). Os próprios alunos desenvolveram um sistema de "avaliação" durante o processo, compreendendo desde as frequências nas reuniões, a proatividade nas ações demandadas, a participação na escrita do Projeto Final e escolheram (votação às cegas) 8 alunos titulares e 2 suplentes para formarem a equipe da Operação.

Uma vez aprovada a proposta da IES foram designados os 10 alunos e os 2 professores: Simone Helena Tanoue Vizioli, Marcel Fantin, Giovana Garcia Sibinel, Luis Fernando Lima Vieira, Marcos Vinicius Ribeiro, Maria Sylvia Baptista Serra, Matheus Simitan Barros, Nelson Calsolari Neto, Stéfanie Crescêncio e Vinicius da Costa Sanchez. Após esta formalização, teve início uma etapa preparatória: a visita precursora pelo professor coordenador ao Município para adequar o Projeto (oficinas e atividades) às necessidades e expectativas da comunidade. Esta etapa trouxe em seu retorno uma readequação das ações e, a partir de então, iniciaram-se os testes das oficinas que seriam ministradas, o levantamento de todo o material necessário na Operação e o desenvolvimento de um cronograma conjunto com a IES parceira no Município – Universidade Federal de Sergipe. Neste momento, o coração começava a bater mais forte, a ansiedade aumentava, mas os preparativos foram cuidadosamente administrados.

A viagem: o percurso de mais de 2.000km que separa São Carlos do Município de Barra D'Alcântara pareceu menor... o traslado foi feito por avião... e já no aeroporto de Campinas, de onde partiu a equipe do IAU USP para o Piauí, já podia-se avistar vários "amarelinhos", como são carinhosamente chamados os rondonistas que vestem o uniforme amarelo do Projeto Rondon. O entrosamento dos rondonistas teve início ali mesmo, alguns alunos vindos de outros municípios do Estado de São Paulo, alguns em conexão, vindos de outros estados. A chegada ao 25º Batalhão de Caçadores do Exército Brasileiro (Teresina), onde as IES ficaram alojadas alguns dias antes de se dirigirem aos seus respectivos municípios, assemelhava-se a uma Torre de Babel cultural: uma riqueza formada pelo chimarrão das equipes do Sul, pelo sotaque característico do carioca, pelas histórias das cidades mineiras e pelas equipes do próprio Nordeste, com suas culturas e hábitos tão brasileiros! Lembrar da reunião de mais de 300 rondonistas em um único lugar é algo indescritível, as amizades que se perpetuam até hoje começaram a se formar naquele momento e tudo isso somente foi possível devido à organização e logística impecável dos membros das Forças Armadas do Brasil, que cuida-

ram dos traslados aéreos e terrestres, cerimoniais, alojamento e alimentação desses mais de 300 "amarelinhos".

A estadia no Município de Barra D'Alcântara foi caracterizada pela formação de uma "grande família", pois juntaram-se à equipe do IAU USP, 10 membros da UFS. O Município recebeu um grupo de 20 rondonistas e 1 "Anjo" (nome dado ao membro do exército que acompanhava as IES nos Municípios). A chegada ao Município foi marcada por uma indescritível sensação de acolhimento por parte dos representantes da comunidade. Foram 13 dias de imersão, vivência, convivência entre os rondonistas e a população local... foram 13 dias de muitas trocas de informação e cultura, além da perpetuação de laços de amizade que, embora dificilmente, serão novamente presenciais, ficarão sempre na memória e nos corações de cada um. Seria difícil nomear todas as pessoas de Barra D'Alcântara que participaram do Projeto Rondon, pois poderíamos incorrer na falha da ausência de algum nome. Assim, cada um daqueles que de alguma forma tiveram contato com o Projeto, sintam-se referenciados neste momento e recebedores dos nossos agradecimentos.

O Município de Barra D'Alcântara

O Município de Barra D'Alcântara possui 3.852 habitantes (sendo 2.032 na área urbana e 1.820 na área rural) e está localizado no Centro-Norte Piauiense (microrregião de Valença do Piauí), distando cerca de 227 km de Teresina, capital do Estado do Piauí. A zona rural deste município apresenta uma série de povoados, sendo os principais: Por enquanto, Boqueirão, Riachão, Chapadinha dos Guedes, Chapadinha do Sinhá, Taboa e Zareia (IBGE, 2019).

Situado no Vale do Sambito (Bacia Hidrográfica do Rio Sambito), apresenta áreas com campo cerrado e manchas de caatinga arbustiva em um relevo com superfícies aplainadas e chapadas. Barra D'Alcântara apresenta clima tropical semiárido quente, com duração do período seco de seis meses. A média das temperaturas máximas é de 35°C e a média das temperaturas mínimas é de 26°C. O período de inverno ocorre de dezembro a abril, sendo que nos meses de maio e julho ocorre um período de temperatura mais amena que contrasta com os meses de agosto a novembro, quando se dá o período de estiagem e calor intenso, com temperaturas próximas aos 40° na máxima.

Com relação aos aspectos socioeconômicos, o PIB per capita de Barra D'Alcântara é de 6.300 reais e a sua economia está pautada no setor terciário. Cumpre frisar o baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) deste município que é de 0,577, valor inferior aos índices do estado

do Piauí (0,646) e do próprio Brasil (0,744). A população alfabetizada compõe 69,98% do contingente populacional, sendo que 47,56% são consideradas pobres.

As oficinas

Foram mais de vinte oficinas ministradas pelo IAU USP (Informática: elaboração de currículo, cursos profissionalizantes e segurança na internet; confecção de livros; confecção de sabão; Confecção de brinquedos; Cine Rondon; Artesanato: filtro dos sonhos, quilling, pulseira, confecção de vasos e olho de deus; Captação de águas pluviais; Desinfecção de água; Material reciclável e conscientização; Economia solidária e cooperativas; Compostagem; Horta; Irrigação; Astronomia; Ciência em ação; Feira de profissões; Troca de cultura; Políticas públicas urbanas; Bolo de pote e orçamento familiar) e outras tantas ministradas pela equipe da UFS. Assim, foram selecionadas algumas, descritas abaixo, como exemplos das dinâmicas e trocas de conhecimento ocorridos durante o período em Barra D'Alcântara.

Oficina popular de políticas públicas urbanas

A "Oficina popular de políticas públicas urbanas" consistiu em uma experiência de diagnóstico urbano participativo no Município de Barra D'Alcântara (PI). O objetivo desta atividade foi construir um espaço de debate e politização sobre questões urbanas que permitiu territorializar, documentar e dar visibilidade à problemática das políticas públicas urbanas do Município de Barra D'Alcântara (PI) a partir do olhar da sociedade civil. Como resultado, procurou-se contribuir para orientar a atuação do Poder Público e da sociedade civil no planejamento e implementação de políticas públicas, promover o desenvolvimento sustentável e a melhoria da qualidade de vida de toda a população. Para o desenvolvimento da oficina, adotou-se a metodologia de pesquisa-ação utilizada para a construção desse ambiente de autorreflexão coletiva, assim como o diagnóstico, as potencialidades e desafios para este Município.

Thiollent (1985) pondera que a pesquisa-ação, embora não seja considerada como metodologia, trata-se de um método, uma estratégia de pesquisa que agrega métodos ou técnicas de pesquisa social, com os quais se estabelece uma estrutura coletiva, participativa e ativa ao nível da captação de informação.

Nos processos participativos a sinergia entre comunidade e demais atores envolvidos (no caso, estudantes e professores) são elementos-chave

na construção do processo decisório que envolve a discussão da situação social, o levantamento dos problemas existentes e as propostas elaboradas. É a partir das trocas entre conhecimento acadêmico e saber popular que os participantes constroem com maior eficiência as respostas, diretrizes de ação transformadora, aos problemas da situação em que vivem. É essa troca que permite aumentar o conhecimento e o nível de consciência dos participantes. Assim, esta é uma prática pedagógica que, a partir das trocas dialógicas entre os participantes, permite produzir um conhecimento novo e transformador que objetiva o empoderamento comunitário na busca de soluções para problemas reais.

[...] entre as diversas definições possíveis, daremos a seguinte: a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1985, p.14).

Já Barbier (2007) conceitua a pesquisa-ação como uma pesquisa que parte de uma ação deliberada com foco na transformação da realidade e na produção de conhecimentos relativos a essas transformações. Assim, a pesquisa-ação é uma metodologia que não foca o trabalho sobre os outros e sim o trabalho com os outros, levando o pesquisador a se envolver com a estrutura social na qual está inserido.

No campo operacional, foram adotadas estratégias de organização para atingir os objetivos, incluindo a preparação de conteúdo, fichas e equipamentos, assim como a divisão de tarefas. A estratégia de capacitação da equipe e de organização das oficinas envolveu a organização da informação e de pessoal, assim como a produção de quais técnicas seriam abordadas nas oficinas e como elas seriam apresentadas no dia, quem seriam os facilitadores e como seria a logística de organização do material a ser produzido. No campo da organização da equipe, foram atribuídas aos alunos rondonistas as funções de comunicação e moderação, incluindo a apresentação do formato e da estrutura das oficinas aos presentes, assim como a atuação como facilitadores do processo de diagnóstico e definição de diretrizes e ações.

A oficina 1 – Diagnóstico participativo – contou com a presença de 28 moradores de Barra D'Alcântara, enquanto a oficina 2 – Definição de

prioridades e eleição de diretrizes e ações – contou com a presença de 31 pessoas da comunidade (Figura 1).

Dia 1 – Diagnóstico participativo: no primeiro dia o objetivo foi instigar a população a pensar sobre a sua cidade e nesta primeira parte os participantes apontaram desafios e potencialidades de Barra D’Alcântara, uma vez que essa oficina teve como premissa auxiliar a comunidade a se organizar para que ajam como “observadores” da cidade e participem ativamente do seu desenvolvimento, por meio de discussões permanentes.

Dia 2 – Definição de prioridades e eleição de diretrizes e ações: para o segundo dia de oficina, as informações com atributo geográfico que foram obtidas na primeira etapa passaram por um processo de sistematização em direção ao segundo passo, que foi a construção de diretrizes e ações para os problemas/desafios e as potencialidades. A partir de um debate coletivo, foram propostas diretrizes e ações que contribuam para minimizar/sanar problemas evidenciados e/ou incentivar potencialidades.



Figura 1 – Oficina popular de políticas públicas urbanas

Fonte: Equipe IAU USP do Projeto Rondon, 2019.

O resultado desta oficina culminou em uma Cartilha que foi distribuída aos líderes do Município.

Oficina de captação da água da chuva

Durante o levantamento de dados sobre a região de atuação da Operação João de Barro, por meio da análise dos dados do IBGE, identificou-se um problema na região quanto ao abastecimento de água potável. Por esse motivo, uma das oficinas propostas consistiu na demonstração da construção e funcionamento de um sistema de captação e limpeza da água da chuva, através da construção de um protótipo funcional em escala real.

Na etapa de montagem do calendário e alocação das oficinas, decidiu-se que seria adequado realizá-la em uma comunidade rural próxima a cidade. Junto com os moradores locais, optou-se por implantar o protótipo em uma casa de cultura, ponto central de encontro e confraternização da comunidade rural.

O projeto inicial para a captação e limpeza foi desenhado pelos rondonistas dos cursos de Arquitetura e Engenharia Ambiental, a partir das experiências adquiridas no meio acadêmico. No entanto, logo nos primeiros momentos da oficina, o diálogo sobre o projeto com os habitantes locais, sobretudo com um morador da comunidade que trabalhava na construção civil, entremeou o projeto com a experiência prática e saberes vernaculares próprios daquela população. O projeto final, por consequência, foi um fruto singular do saber acadêmico aplicado às técnicas e condições locais, o qual não poderia ter sido obtido de outra maneira, que não pela troca mútua de saber teórico e saber fazer (Figura 2).



Figura 2 - Oficina de captação da água da chuva
Fonte: Equipe IAU USP do Projeto Rondon, 2019.

Oficina de desinfecção de água

Ao realizar a pesquisa sobre o município de Barra d'Alcântara, notou-se nos dados levantados no Projeto, que muitas residências eram abastecidas por água de poços ou nascentes sem um tratamento prévio, podendo, portanto, estar contaminadas por patógenos. Diante disto, uma das oficinas selecionadas para ser ministrada no local foi a de desinfecção de água, visando instruir, possibilitar e capacitar agentes e moradores para que eles pudessem realizar e disseminar as técnicas de desinfecção da água a fim de torná-la adequada ao consumo e diminuir a incidência de doenças de veiculação hídrica.

Na realização desta oficina, houve uma parte inicial que consistiu na explicação das técnicas de desinfecção de água, focadas nas de baixo custo e fácil realização. Para a etapa prática da oficina foi realizada a coleta de amostras de água de diferentes fontes, bebedouro da escola, água da chuva e de riacho. Com estas amostras, foram realizados ensaios a fim de avaliar a eficiência dos métodos de desinfecção.

A realização da oficina foi muito satisfatória, pois os moradores que participaram estavam realmente muito interessados em todo o processo, tanto na etapa teórica quanto na prática. Complementa-se que, embora os alunos rondonistas tenham conhecimento sobre os processos de desinfecção, esses não fazem parte de seus cotidianos, uma vez que, em São Paulo, nos centro urbanos, o abastecimento de água encanada é tratada antes de ser distribuída para a população. Durante a oficina, os participantes relataram suas experiências de uso cotidiano de algumas técnicas apresentadas, o que permitiu uma apreensão pelos rondonistas das dificuldades inerentes à captação e uso da água nessa porção do território nacional. Como os moradores não tinham conhecimento de todas as técnicas de desinfecção apresentadas, a oficina resultou numa troca de experiências, conhecimentos e interesses.

Memórias em palavras

A troca que ocorre durante as duas semanas de vivência imersiva dos rondonistas na cidade altera não apenas as dinâmicas externas, mas principalmente, modifica um pouquinho o interior de cada pessoa: "Acredito que o abraço que a gente dá em cada criança, algumas carentes de carinho, tem uma força motivadora e transformadora no futuro. Elas irão lembrar desse amarelinho e desse abraço... não vão lembrar do nome de cada rondonista nem de seus rostos, mas irão lembrar que, um dia, um amarelinho do Rondon chegou para eles e falou:

"acredite em você!"". Por outro lado, quanto aos universitários, eles retornam para suas casas "crescidos", talvez o melhor termo seja "engrandecido" pois, "quando você tira uma pessoa de uma bolha, você já a transformou, porque ao retornar, ela não consegue voltar para a bolha... ela não cabe mais na mesma bolha... a bolha já é pequena para ela". (Fala de Simone Vizioli, adaptado do vídeo oficial de encerramento do Projeto Rondon - Operação João de Barro, Piauí, julho de 2019).

"Todos que atuam ou já atuaram no Projeto Rondon compreendem a sua importância e os seus propósitos de ampliação e democratização do conhecimento, permitindo aos alunos a possibilidade de colocar em prática e explorar temas e conceitos vinculados à sua área de formação. Trata-se de um aprendizado extramuros e, essencialmente, envolve a construção de benefícios compartilhados através de uma relação de troca entre os saberes acadêmico e popular. Como resultado temos o fortalecimento comunitário e o desenvolvimento concomitante e integrado de competências técnicas, humanísticas e interpessoais. Entretanto, com a experiência adquirida em quatro edições do Projeto Rondon, posso afirmar, sem sombra de dúvidas, que ele representa muito mais que isso. O Projeto Rondon representa a imersão em uma sinfonia de sentimentos que permite conectar a função social de nossas profissões com a riqueza, a diversidade e, principalmente, a generosidade do povo brasileiro. É uma verdadeira aula de brasilidade fundada no desejo de construção de um Brasil mais justo, mais solidário." (Marcel Fantin)

"Participar do projeto Rondon é estar em constante aprendizado e mudança. Nós alunos, rondonistas, tentamos nos preparar ao máximo, pesquisando informações técnicas sobre o município que visitaríamos e sobre as oficinas que havíamos preparado, mas a verdade é que ao chegarmos em Barra D'Alcântara todos esses dados e informações se transformaram em apenas uma minúscula parte de todo um processo de troca de sentimentos, de experiências e de vivências. Descobrimos um novo pedacinho desse nosso Brasil imenso e, com isso, descobrimos também um pouco mais de nós mesmos. Conhecemos as dife-

rentes realidades do Brasil, aprendemos com as distintas pessoas que convivemos, criamos novos laços e tudo isso nos transforma e torna-se um pedacinho do grande retalho que somos, passa a fazer parte de nossas vidas e da pessoa que nos tornamos. Por isso, temos muito a agradecer por essa oportunidade dada pela extensão universitária, agradecer também a todos os moradores de Barra d'Alcântara que nos receberam e nos impactaram de uma forma tão positiva. Agradeço a toda a equipe de amigos e professores que construíram em conjunto essa operação e que compartilharam as dificuldades, as alegrias e todas as experiências que passamos juntos". (Giovana Garcia Sibinel)

...

"A universidade nunca pode ser vista como um ente alheio à sociedade, ela é parte integrante, formada e formadora dela. A universidade que não dialoga, que não respira e se fecha dentro do seu próprio campus perde em muito; a comunicação, a troca e o aprendizado no chão são importantíssimos para nos tirar de lógicas mecânicas e produtivistas e nos voltar para enfrentar realidades tão contrastantes e diversas da nossa. Através da formação acadêmica e humana, temos a oportunidade única de sermos instrumentos para a construção de um projeto de sociedade mais justa, sermos multiplicadores de seres humanos indignados e curiosos com o mundo. Acredito que ter a oportunidade de pegar uma mochila e conhecer mais um pouco desse Brasil gigante foi algo que eu nunca vou esquecer; conhecer o interior do Piauí foi com certeza algo que me deixou com mais sede e vontade de honrar pessoas e culturas, assim como transformar estruturas tão desiguais. Agradeço a todos que construíram essas duas semanas comigo, que com as experiências que cultivamos lá possamos crescer, nos fortalecer e lutar por uma universidade e um Brasil popular". (Maria Sylvia Baptista Serra)

...

"No Brasil existem realidades muito diferentes, todo mundo sabe que elas existem, sempre existiram, mas saber que elas existem e vivenciá-las são coisas muito distintas, quando você respira do ar e pisa na terra você sente, e isso é transformador. Falar que durante a operação quem mais aprende somos nós, é clichê, mas é verdade, podemos ter um conhecimento mais

vasto por termos o privilégio de uma educação de ponta, mas o que sabemos são números, teorias e algumas técnicas. O que eles sabem é algo muito mais humano, algo que não está calculado em nenhuma fórmula e não está escrito em nenhuma dissertação e infeliz seria minha tentativa de pôr em palavras o que aprendi com o Projeto Rondon". O que me resta é agradecer, agradecer aos professores que deram 200% de si, confiaram na gente, batalharam com a gente, choraram com a gente, riram com a gente. Agradecer à minha equipe, meus amigos, os seres humanos mais batalhadores e bondosos que já conheci (há quem diga que os pioneiros eram mais valentes, eu discordo). E agradecer principalmente a todos de Barra d'Alcântara, pessoas genuínas e guerreiras que sem perguntar nem exigir nada em troca nos receberam, nos hospedaram, nos abraçaram. Espero do fundo do meu coração que os tenhamos impactados da mesma maneira que eles nos impactaram, da mesma maneira que eles me fizeram acreditar em um Brasil mais humano, porque no fim é só isso que nós temos não é mesmo? Uns aos outros". (Nelson Calsolari Neto)

...

"Falar de Rondon, é falar de experiência de vida e de histórias pra contar. É falar de saudade e de querer voltar no tempo pra viver toda a operação do começo ao fim, por uma segunda vez. Sobre se orgulhar por ter feito parte de um projeto tão grandioso. É falar sobre plantar sementes em outras pessoas e ser semeado de volta, muitas outras vezes. É sobre ensinar e aprender, compartilhar e vivenciar. Por isso, falar de Rondon é falar de uma saudade, que sempre existirá dentro de cada um de nós, eternos rondonistas. E o que fica além da saudade é o sentimento de gratidão. Gratidão pela experiência e por todo aprendizado que a operação me proporcionou. Um sincero agradecimento aos moradores de Barra d'Alcântara que nos receberam com tanto carinho e hospitalidade, (trouxe comigo um pedacinho de Barra no final da operação). E um agradecimento especial aos colegas e professores de equipe, pessoas tão humanas e de valores e qualidades admiráveis, que ganharam todo meu carinho". (Stéfanie Crescêncio)

...

"O que sobrou em nós, rondonistas, ao final da nossa experiência em Barra D'Alcântara? O projeto Rondon terminou no momento em que subimos no avião de volta a São Carlos? Teria acabado, sim, se tudo tivesse ocorrido como a gente pensou, planejou. Se a gente tivesse chegado lá, com as nossas cartilhas, com as nossas ferramentas e tivesse ensinado tudo que a gente se preparou e muito para ensinar. Porém, foi mais do que isso. A gente não contava, na verdade, com o que a gente ia aprender lá, com o carinho que a gente recebeu lá. Fomos arrebatados com uma poesia fresquinha escrita para nós por uma moradora no fim de um dia de trabalho em uma comunidade rural, no meio do agreste, e descobrimos que ali, muito além de se sobreviver, se produz arte, se articula cultura. A gente não estava preparado para o choque de realidade que a gente teve lá. Porque ver filme, ler em livro, dissecar de cima a baixo os dados do IBGE sobre o lugar é uma coisa, mas é só através da experiência que você compreende o que significa um Brasil que é policultural, e profundamente desigual. E que se veja no Projeto Rondon mais esse trunfo da extensão universitária, o de ampliar horizontes, pois compreender verdadeiramente o país em que vivemos é essencial para que possamos trabalhar a fim de transformá-lo". (Fala de Vinicius da Costa Sanchez extraído do Seminário de extensão IAU USP, 2019).

Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois (Walter Benjamin, 1994).

Vamos nos lembrar sempre... dessa experiência transformadora!

REFERÊNCIAS

BARBIER, R. A pesquisa-ação. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, Volume 1 - página 15, 7a edição, Editora Brasiliense, 1994.

BOTOMÉ, S.P. *Pesquisa alienada e ensino alienante: o equívoco da extensão universitária*. Petrópolis: Vozes, 1996.

BRASIL. *Plano Nacional de Extensão Universitária*. Edição Atualizada Brasil 2000 / 2001 Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu / MEC.

GURGEL, R. M. *Extensão Universitária: Comunicação ou domesticação?* São Paulo: Cortez – autores Associados, Universidade Federal do Ceará. 1986.

IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA). *Ibge cidades: Barra D'Alcântara – PI*. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 21 jul. 2019.

ONU. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Plataforma Agenda 2030. Acelerando as transformações para a Agenda 2030 no Brasil*. Acesso em: 07 janeiro 2021. Disponível em: <<http://www.agenda2030.com.br/>>.

SERRANO, R.M.S.M. *Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire*. Disponível em: <http://www.prac.ufpb.br/copac/external/atividades/discussao/artigos/conceitosdeextensao_universitaria.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2016.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1985.